

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO
RUA DO OVIDOR
32-cabradão-52

CORTE		PROVINCIAS	
Trimestre	3\$000	Semestre	11\$000
Semestre	10\$000	Anno	21\$000
Anno	20\$000	Avulso	1\$000

1868



Festa de S. Roque.

Consta que todo o Rio de Janeiro se transporta amanhã para a ilha de Saqueta. Fica a corte deserta, não há que ver!

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 30 de Setembro de 1871.

Contra todas as minhas provisões passei em terceira discussão no Senado a questão da emancipação servil!

O governo, ou, para melhor dizer, o Sr. Visconde do Rio Branco teve a habilidade de cortar as vias de opposição e conseguir em oito dias, o que, attentos os muitos protellatarios postos em jogo pelos adversos ao projecto, eu acreditava piamente que só em sessenta dias mais se poderia conseguir.

Foi uma victoria estrondosa.

Dir-me-hão talvez que o governo dançou por vezes fora do compasso constitucional. Pois sim!

Mas que fez a opposição? Que armas empunhou para derrotar o ministerio?

Fôrão acaso sempre as lozes, as dos estylos parlamentares?

Não.

Como accusar, pois, o governo?

Prova-o o combate era mister que el e o acompanhasse na sinuosa trilha por onde se avveredara, abandonando a estrada real e franca da discussão.

Releio-se os discursos, examina-se uma por uma as emendas, e chegar-se-ha á seguinte conclusão: a minoria nunca tractou de elucidar a questão; mas de protellat-a tão somente; nunca teve em mira o interesse geral, mas o de alguns particulares de certas localidades da Provincia do Rio de Janeiro.

Embalde dizia-lhe do continuo o governo:

« Acheis deficiente nosso projecto? Pois bem! Apresentai o vosso para ser discutido, confrontado com elle. »

Embalde sempre!

Poi preciso que, já no fim da sessão, depois de tão successivos reveses, a minoria pedisse de todo a espartaça de deter por mais tempo a marcha da discussão para apresentar seu plano emancipador.

Mas isso mesmo (não houve quem o desconhecasse) não foi senão um o ultimo maneio protellatorio, em extremo tardio para produzir o desejado effeito.

Como, então, se interpea o governo de haver precipitado a solução de uma questão tão importante?

Em primeiro lugar fazia-se necessario empurrar-a para diante com mais vigor, visto não faltar quem procurasse por todos os modos puzar-a para traz.

Em segundo lugar não era essa uma materia nova, inesperada, lançada no tapete sem que ringuem a esparasse. Pelo contrario. Não ha no Brasil homem de estado que a não tenha estudado a fundo; não ha mesmo ninguém que não haja reflectido detidamente sobre ella.

Estão, portanto, todos mais ou menos preparados para discutil-a, e, com maioria de razão, os representantes da nação que ha'avia duzido de annos (a mais talvez) accusão os governos e os lações em terra por não incluírem nas falas do throno nenhuma palavra a tal respeito.

Não! Não houve precipitação!

E que não a houve bem o prova os innumerables e interminaveis discursos da opposição na Camara Temporaria, discursos tão extensos, quanto inuteis, tão altisonantes quanto vãos, porque não continhão nem uma idea nova, porque consummão o precavissimo tempo repetindo os que já haviam sido enunciados tão repetidas vezes!

A maioria dos brasileiros reclamava em altas vozes a extincção, pelo modo mais conveniente, do estado servil. Os projectos de um punhado de rotineiros proprietarios de escravos, que atpõem seus proprios interesses aos geraes, não podião demover a mercê da Deos, não deaverha! o governo do projecto em que estava de ouvir o supremo esforo para consequença do maior desideratum nacional.

Com o que fez prestou elle um relevantissimo serviço ao paiz.

Com o que fez escrever o Sr. Visconde do Rio Branco a mais brillante pagina de sua vida politica.

Rei morto, rei posto!

Le roi est mort, vive le roi!

Rossi foi-se; veio Salvini, o que quer dizer que este, que nos deleita agora, é melhor do que aquelle que não nos deleita mais.

Se o mundo é assim mesmo!

Não quero contestar o incremento do recém-chegado artista. Longe de mim semelhante pensar. Mas não posso deixar de achar curioso que se applicuem a Salvini os mesmos adjectivos superlativos que se applicavão a Rossi.

Rossi era a incarnação da arte, era inimitavel, era unico, era o primeiro tragico do seculo.

Salvini é a incarnação da arte, é inimitavel, é unico, é o primeiro tragico do seculo!

Ora bolas! (não tenho escrúpulos de empregar esta locução, que se acha agora em voga no parlamento e no theatro.... no theatro depois da criação do Conservatorio Dramatico!)

Vou renhida a polemica na imprensa por causa da cantora nacional a Sra. Siebs.

Gloveni os — a pedido —, protestando contra o juizo emancipado pela gazetilha do *Jornal do Commercio*.

— Que severidade! dizem elles! Que severidade, quando se é tão benigno com outras artistas. Darsa-ha caso que tal accoaga pelo simples motivo de ser brasileira a Sra. Siebs?

Na verdade... força é confessar... o facto de ser nascida aqui... bastaria só isso... uma artista nacio al já laureada na Italia e nas Republicas do Prato... mas como é brasileira... se não fosse nossa patria....

Estas e outras quejandias consideração's deverião ter calado no animo do redactor da grande folha diaria... se elle atreditasse que a Sra. Siebs é brasileira, como dizem os cartazes.

Mas não acredita, nem eu, (permitta-me que o diga) porque me consta por mais de um canal que tanto na

Italia como no Rio da Prata apresentou-se sempre essa senhora como franceza *par sang*.

Dó se, portanto, á estampa algum documento com-probatório do brasileiroismo da sympathica artista, sua certidão de baptismo, por exemplo, ou mesmo um annuncio de algum dos theatros italianos ou pienseses, em que ella exhibiu seu talento, e no qual foi apresentada como nossa conterranea.

Taes annuncios não bastão para provar a nacionalidade de quem quer que seja; mas servem ao menos para mostrar que a Sra. Sieja deseja passar por brasileira... *fora do Brasil*.

Cruio, creio muito no talento da joven cantora; sou até um dos seus mais entusiastas admiradores.... no mais é que não creio ainda.

Não me procurem convencer com verrinas, como as que atirão ao *Jornal do Commercio* quotidianamente. Convenção-me com documentos accetáveis.

Continúa o *embroglio* entre a Camara Municipal, e as emprezas das Docas de D. Pedro II, das ditas da Alfandega, da Leocôntora e da Metropolitanã.

Formou-se de tudo isto uma *oita podrida* tal, que não ha quem se entenda com ella.

Sobre a Metropolitanã está com a palavra o intelligente Dr. Honorio Bicalho, conservando-se na *moita* seu socio e collega Dr. Bulhões da União e Industria. Porque?

Vinha tambem elle ao terreiro.

Já que assignou (sem lêr?) o projecto elaborado pelo Dr. Bicalho, assigne tambem as correspondencias escriptas pelo mesmo senhor.

Custa-lhe isso tão pouco!

Estamos na quadra das fúdes jornalístico-hebdomadarias.

Havia sete folhas illustradas na corte: *Semana, Comedia Social, Mosquito, Guarany, Rabeca, Mundo da Lua e Vida Fluminense*.

A *Comedia Social* e o *Mundo da Lua* fundirão-se com o *Mosquito*.

O *Guarany* fundiu-se com a *Rabeca*.

Ficou, portanto, em circulaçãõ quatro apenas:

Um delegado da instrucção publica, indo ha dias visitar um collegio da corte, e achando os meninos soffrivelmente travessos, disse ao professor:

— Ache exquisto que seus discipulos estejam aqui á sua vista, e durante a aula, com seus gracejos de máo gosto. Parece que não fazem muito caso do senhor!

— Tambem não. Logo caso nenhum delles! respondeu logo o mestre.

E' historico!

A DE C.

Assumpo de varias côres.

Ha na rua do Ovidor um Club cosmo,olita, onde se discutem animadamente as mais intrinsecas questões financeiras, politicas, commerciaes, agricolas e artisticas.

Estas ultimas, porém, são talvez as qua mais seria attenção merecem da parte dos numerosos frequentadores do dito Club.

Na discussão dos outros pontos toca-se de leve, por julgar-se, sem duvida, que n'um paiz onde cada côr politica tem um centro, o commercio uma vastissima praça, e a lavoura um lugar proprio para tratar de suas conveniências, seria imperiavel deixar a litteratura e as artes sem um cantinho onde se fallsasse d'ellas.

Os *habitués* do Club cosmo,olita, rapazes intelligentes e de *saque na guerra* são qu si todos litteratos ou artistas, e, embora a pia baptismal de uns esteja a mil leguas da de outros, amam-se como irmãos, e respeitam-se mutuamente.

Sempre promptos a engrandecer o merito onde quer que elle se annhe, e de boisa escancarada todas as vezes que é preciso mostrar aos eileitos do cêo o triumpho a que tem direito na terra, não recusam a sua admiracão aos que sab-m merecer-lha, nem desprezão ensajo de atalhir sobre elles a adm ração dos outros.

Que o digam Ristori, Rossi, Salvini, Taborda e De-Martino tratando dos estrangeiros. — Que o digam Carlos Gomes, Mesquita, Pedro Americo e Maria Siebs, tratando dos nacionaes.

Levar-mo-hia longe a narraçãõ circumstanciada de quanto a arte em geral deve ao Club cosmo,olita. Para bem dos verdadeiros artistas ella existe, e o leitor sabe perfeitamente o nome do chefe, e o lugar onde fica situado.

O presente artigo é escripto n'uma das mezas do dito Club.

As opiniões que ouço a meu lado estão por tal fórma d'accordo com as minhas, que não resisto ao desejo de emitilas taes quaes me vão chegando ao ouvido.

À tout seigneur, tout honneur.

Salvini está no Rio de Janeiro e a sua justificada celebriedade da-lhe direito a ser o primeiro assumpto de que possa tratar-se em palestras da arte.

Já o viram no *Gladiador* ou no *Othello*? Já presenciaram as maravilhas de que elle é capaz em qualquer d'essas tragedias?

Já admiraram os sublimes rasgos de sua intelligencia excepcional na reproducão dos variados caracteres, de cuja interpretação se tem até hoje encarregado?

Se não o fizeram ainda, façam-no quanto antes.

A affluencia tem crescido de muito para mais, o terço-feira passada assumio taes proporções, que metade das pessoas sequiosas de assistir á primeira representação do *Othello*, teve de retirar-se triste e cabibaxa por falta absoluta de logar.

Album da "Vida Fluminense".





Thomas Salvini na Tragedia Sansão.

Após Salvini, vem as esplêndidas ovações feitas á Sra. Siebs, no theatro de *P. Pedro II*.
 E a actriz mais brilhante a qua tem assistido os frequentadores d'aquelle theatro.

Flôres em profusão, grinaldas, cordas, versos, palmas, estrepitosas: — nada faltou á Sra. Siebs nas duas noites em que se tem apresentado perante o nosso publico, perscrutando o poetico typo da Margarida, de *Fausto*.

O que é a opera de Gounod todos o sabem. Aquella musica arrebatadora, onde ha trechos de originalissima inspiração, já proporcionou noites agradaveis aos verdadeiros amadores da scena lyrica, e forneceu a Lulni e Ordinas o ensejo de nos patentearem o vigor de seus recursos artisticos.

Actualmente ha só, em relação ao desempenho, a notar o modo consciencioso porque o barytono Marziali dá conta dos trechos, de que se encarregou, cantando-nos muito á satisfação das plateas, e os não interrompidos triumphos da Sra. Siebs, que fallam mais alto do que todas as opiniões da imprensa emittidas até hoje.

Se A de C não fosse meu socio e amigo, seria occasião de pôr nas nuvens o seu ultimo trabalho dramatico, que sob o titulo de 50 contos (que a mim dá) se representa actualmente na *Phenix* na presença de plateas tão cheias como um ovo, e no som do applauso, que compromettam seriamente a solidéz do edificio!

(Lto tambem me chegou aos ouvidos no Club cosmopolita. Dizem-se por lá cousas muito bonitas acerca dos 50 contos. Gaham o espirito do author, exaltam o merito de algumas peripécias... e...)

Mas A de C é meu socio e meu amigo:

Portanto.....

E' preciso ser grato.

Os que occupam esta noite os logares do theatro francez pagam uma divida de reconhecimento ao homem que, durante dez annos de intelligente e laboriosa administração, soube elevar a scena franceza á altura de que ella era digna entre nós; ao homem que, á custa tão somente dos seus proprios esforços, soube transformar o antigo *café cantante* do Rio de Janeiro, n'um dos theatros mais concorridos da corte, não hesitando, para bem satisfazer o seu publico, na realisação de vagas e continuação, a na acquisição de alguns artistas, de que todos guardam as mais gratas reminiscencias.

Attenda-se a essa circumstancia, sem mesmo olhar para as seducções que o espectáculo offerece, e o Sr. Arnaud terá, no nouto em que se despede de nós, occasião de ver que não se cansou por ingratos, e de abençoar sempre o nome d'aquelle que, na hora da despedida, souberam reconhecer o muito por elle feito em favor do estabelecimento até hoje a seu cargo.

Afim de variar cada vez mais os seus espectáculos, contra-tou mestre Chiarini a familia Orin, cuja estrêa teve logar no dia 26. O trabalho gymnastico dos estrêntes foi recebido com enthusiasmo pelos frequentadores do circo da rua do Espirito Santo.

Vae em breve começar no Pavilhão Fluminense a exposição das cento e tantas figuras de cera, trazidas de Lisboa pelo Sr. Fernandes. Parece-me ser coisa nova nestas paragens, e, como as figuras são realmente admiraveis, é de esperar que o Sr. Fernandes possa alcançar os 50 contos, de que reza a péza de A. de Castro, sem se dar, como o Vasques, ao trabalho de correr atrás delles durante cinco longos actos.

Agradecemos á directoria da *Caixa de Soccorros* D. Franco V. a remessa que fez das *Saudades da patria*, quadrilha de contradaças para piano, composta por Lourenço de Araújo Pereira, o por elle offerecida á *Caixa de Soccorros*. O producto da popularissima composição é destinado a beneficiar os portuguezes desvalidos.

A. DE A.

A noite das antigualhas.

(Continuado do n. 195)

Recabi, duas semanas depois, um bilhete que começava e terminava assim:

« Meu caro amigo.

Armo-se de coragem. Muita e muita coragem. Chegou o dia do tremendo sacrificio »....

Estremei violentamente e continuei, sem saber o que pensar de tudo aquillo:

« ... do tremendo sacrificio. Vamos ver hoje o Germano no theatro S. Pedro. Representa-se *Pedro sem que já teve e agora não tem*, dramma do cossido do tempo de Nemrod e que o Sr. Bargain escreveu especialmente para Cambyzes.

Hado gosar. Convide alguns amigos seus, apreciadores de excavações fossis: o *Pedro sem* é uma mina riquissima!

Seu velho
Campos »

A curiosidade apousoou-se de todo o meu espirito e coragem.

A's horas precisas Campos veio fallar-me. Vestia de preto com uma enorme gravata encarnada.

Observei profundamente: impressionado a gravata do meu velho desdentado.

Ell'rio-se.

— Esta gravata que o Sr. está admirando, não é um lenço de pescuço, é um obelisco. Pula pela primeira vez, quando João Caelano representou o *Desertor francez*.... E' um traste historico. Trouxe-o para infundir mais respeito na situação.

Entrámos no S. Pedro d'Alcantara ás 7 e tres quartos. Estava repleto o theatro. Coube-nos por sorte

duas cadeiras furadas. Mostrei desejos de mudar de posto. Campos deleve-me:

— Fique n'esta mesma cadeira, que está cheia de cor local!

— Por estar furada?

— Justamente. Aposto que n'este lugar sentou-se o Francisco Manoel da Silva!

O que?

E o que lhe digo. O theatro de S. Pedro, meu caro, é uma pyramide. Aqui estão embalsamadas as mais distinctas recordações do tempo antigo. Quando o Germano entrar em scena, attente n'elle: veja, se não lhe dá ares de Pharrô pouco mais ou menos.

O Pedro sem correu com a habitual voz ria, e os habituaes trovões e relâmpagos. Campos a cada fuzil que nelarava o paleo, rompia em palmas estrondosas.

— Assim é que se applaude o passado; exclamava elle. Tome nota d'aquella vista: foi pintada por Carlos Bento, que morreu não sei se ha vinte annos.

Quando o Germano poz pé na palco, o delirio do Campos augmentou vertiginosamente!

— Bravo! bravo o Germano! O povo reclamou silencio.

— Não se mostre incommodado, meu amigo; observe-me o Campos. Os mais celebres naturalistas tem soffrido horrores, em nome da sciencia.

Plinio morreu n'uma cratera: Saint Hilaire recebeu em cheio no rosto uma lava do Vesuvio. Provvera a Deos que morressemos no theatro S. Pedro d'Alcantara!

— Que extravagancia!

— Lembre-se das palavras de Socrates, na hora da agonia. « *A intelligencia sem o sacrificio, é a victoria sem combate.* »

— E nós comballamos n'este momento?

— Prodigio muerite. O senhor é moço; usa cheiros no lenço e oleo no cabello. Vai ao Casino, vai ao Club; lá Al-o-car; já tirou o retrato, e usa dentes posticos está na moda. Entrou no S. Pedro como Plinio na cratera fum-gante do vulcão.

Veja! veja o gesto que o Germano fez agora! Quem fez cousas assim hoje?

Pareceu-me doudo o homem.

— Estou com sono; vámo-nos embora.

— Nada. O Sr. ha de sahír d'aqui hoje cheio de sciencia e conhecimentos de antiguidade. Amanhã almoçaremos com o Germano; elle nos recitará alguns trechos dos *Sete Infantes da Lava* e dar-nos-ha na cara a *Gargalhada de Arago*.

— Pois quer?

— Decididamente. O almoço compor-se-ha de mão de vaca, repolho ensopado e biscoitos de ar-ruta com mate!

— Ora!

Iremos depois a um *belchior*, compraremos uma imagem de S. Jurgio; metter-nos-hemos n'uma gondola até S. Christovão, e quando chegarmos á nualla casa hei do fizel-o aditar a facda de cabi de milicias com que meo pai fez a roula na cidade em 1801!

— O Campos está louco! murmurei comingo mesmo, pasmado.

Mas o Germano dizia não é que phrasa pantal-facuda em scena, e o meu velho amigo applaudia-o com mãos, olhos, boca, pés, pernas, nariz e joelhos: Foi um successo. Numa o theatro de S. Pedro d'Alcantara ouviu tamanha palmatoria, nem tão horripilante enthusiasmo.

Hei de contar aos leitores da *Vida Fluminense* o que acontecer, durante o almoço classico.

D. Bartholo.

POESIA

Depois da noite.

Vae-me para o teu seio a alma cansada
D'esta existencia, sem calor, mesquinha,
Como vae para as folhas a andorinha
A procurar abrigo ao pôr do sol!

Vae-me o olhar para ti, ó doce amada!
Como vae para os ceus o olhar do monge:
Ou para a patria o do exilado ao longe:
Entre as nevoas do mar, sem um pharol!

Tu foste para mim o anjo que desce
Até ao leito onde o infeliz soluça,
E que a fronte sobre elle a si derrecha
Para lhe dar alento, e vida, e luz!..

Tu foste para mim o sol que á prece
D'algum indio perdido no d-zerio,
Lhe vem mostrar um puro oasis aberto
Na solidão, que os passos lhe conduz!

Vi-te e amei-te. Eu poeta, eu louco, eu triste,
Tu, formosa e divina e pura e santa!
Eu erg já sem flor myrrada planta,
Tu eras o calor que a fez surgir!

E eu surgi: nem a planta ao sol resistiu!
Surgi, e meu olhar aberto e claro
Pôde estender-se enfim á luz, e aviar
Só te quiz para si, só, no porvir!

Muitos annos vaguei muitos perdido
Só, no meu ermo circumscripto e estreito,
Sem ter alguém que me alentasse o peito
Com o suave calor d'uma affeição!

Vieste tu e veio em ti verdade
Por Deus, n'essa alma o halsano que eu peço,
E veio de teu olhar no reflexo
A luz, que hade salvar-me o coração!

Pina d' Oliveira

Typ. de CARLOS F. MUELLER, rua do Ajuda n. 16.



*Os primeiros passos de dança ensinados pelo Cocada
a um ex-Presidente do Rio Grande do Sul.*